

O ESPAÇO LITERÁRIO: CONTEXTUALIDADE LINGÜÍSTICA E TRANSLINGÜÍSTICA

Dr. Wilson C. Guarany

Prof.^a Ione M. G. Bentz

Pra tl, Wayne.

0 — INTRODUÇÃO

Com este estudo, pretendemos analisar exaustivamente a poesia "Recomendações", de Judas Isgorogota.

Agnelo Rodrigues de Melo, cujo pseudônimo é Judas Isgorota, é natural de Alagoas, autor do livro *As amáveis lembranças* (1), de onde retiramos a poesia que pretendemos analisar.

1 — A ANÁLISE ESTRUTURAL

1.1 — ESTRUTURA E SISTEMA

O estruturalismo entende que caracterizar um objeto é determinar as relações que os componentes desse objeto mantêm entre si.

Analisar estruturalmente significa explicitar, situar os componentes de uma estrutura e esta dentro do sistema.

Assim uma estrutura se põe, existe, quando dois ou mais elementos se relacionam, isto é, entram em relação de conjunção e disjunção, apresentando pontos de semelhança e de dessemelhança.

1.2 — RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO

A análise estrutural, é preciso ressaltá-lo, se coloca entre o sujeito e o objeto. Ela é "o algo mais" subjacente que aflora a partir do momento em que opomos e contrastamos os elementos.

A análise estrutural se preocupa em evidenciar o aparentemente ilógico, irracional, inteligível num dado objeto. Seu movimento, sua ação heurística vai da decomposição ou análise à recomposição ou síntese.

Em suma, o enfoque estruturalista não pretende analisar a natureza dos objetos, mas o acréscimo que o homem lhes dá ao reconstituí-los. O decompor e o recompor é a própria essência da análise estrutural.

É nesse sentido que vai a afirmação de Roland Barthes (2) de que o estruturalismo entende o homem como um ser produtor de sentido. O objetivo do enfoque estruturalista é o processo humano pelo qual o homem dá sentido a todas as coisas com as quais entra em contacto. Seu fim último é justamente saber como o sentido é produzido, como é possível algo humanamente significar. Não lhe interessa saber ou determinar o que é o sentido, mas em que condição, através de que conjunção de elementos, o sentido é possível.

Por isso nos parece falsa a afirmação de que o estruturalismo é anti-humanista. Tendo como fim último a compreensão daquilo que mais caracteriza o homem: a produção de sentidos, é o estruturalismo — implicitamente — a mais humanista das técnicas, dos pontos de vista epistemológicos que, até agora, se propuseram abordar o próprio do homem, visto que procura apreendê-lo naquilo que de mais íntimo o diferencia dos outros animais: a produção infinita de sistemas de signos.

2 — NÍVEIS DE ANÁLISE

2.1 — AGENCIAMENTO E SENTIDO

Compreendido, pois, de forma geral o que pretendemos, fica agora claro que objetivamos não descobrir o sentido único (?) da poesia "Recomendações", mas evidenciar o agenciamento, a combinatoria dos elementos que nos possibilita aí encontrar uma infinidade de sentidos (3).

2.2 — A POESIA

RECOMENDAÇÕES

Judas Isgorogota

1. E se acaso você for à minha choupana
2. E minha mãe disser: "Como vai o meu filho?"
3. Será que ele vai bem ou será que me engana?"
4. Você não vá falar que ando assim, maltrapilho;
5. Mas, lhe diga a sorrir: "Fique a senhora em paz!"
6. Ele vence brincando o maior empecilho!
7. Está outro! Ninguém o reconhece mais!"
8. Se minha irmã disser: "Como vai o meu mano?"
9. Ele é muito falado? Ele é muito querido?"
10. E será que ainda vem para casa este ano?"
11. Você não vá tocar no tenho sofrido.
12. Mas, lhe diga a sorrir: "O seu mano é um rapaz
13. Que tem prêmios de amor e glória recebido!

14. Está outro! Ninguém o reconhece mais!"
15. Entanto, se você chegar até a casa
16. De onde um dia sai, cambaleante e mudo
17. — Ave que cai do azul com uma ferida na asa —,
19. E uma voz lhe disser, branda como um veludo:
19. "Como vai o meu noivo?" (ouça bem, meu rapaz...)
20. Diga-lhe apenas isto, ela compreende tudo:
21. "Está outro... ninguém o reconhece mais..."

2.3 — OS PREDICADOS DE BASE

De imediato, duas ou três leituras da poesia "Recomendações" nos possibilita constatar que o espaço textual que a enquadra se fundamenta na tensão predicativa "supor" — "ser" — "parecer".

Como? Alguém se dirigindo a um interlocutor pede-lhe que, chegando a sua casa, transmita à mãe, à irmã e à noiva três mensagens. Não obstante essas mensagens se enquadram dentro de dois tipos. Para a mãe e a irmã, o interlocutor deverá descrever uma situação que não existe, daí o predicado de base (4) "parecer"; para a noiva ele deverá relatar a situação tal qual: é o "ser".

Contudo o destinador das mensagens imagina que sua mãe e sua irmã, ao verem o transmissor das mensagens, lhe fariam perguntas: eis aqui o "supor".

A narrativa, como se vê, se distribui em três partes, isto é, em três "Recomendações", cada uma com dois tercetos e um refrão.

2.4 — UNIDADES FRÁSICAS E TRANSFRÁSICAS

Vamos desenvolver nossa análise em torno de dois níveis: o lingüístico e o translingüístico. O nível lingüístico é o das unidades frasais, o nível translingüístico aborda as grandes unidades significantes, as unidades transfrásicas (5).

No nível lingüístico abordaremos os planos fonético, morfosintático e semântico; no nível translingüístico abordaremos as funções, a ação e a narração.

2.5 — ANÁLISE E FORMALIZAÇÃO

Em síntese, o conjunto de traços mínimos que caracteriza o estilo de Judas Isgorogota no espaço literário "Recomendações", é uma tensão dialética que EM TODOS OS NÍVEIS E PLANOS opõe um esquema binário e um esquema ternário.

Procuramos, após a análise de cada plano, apresentar-lhe uma síntese, onde formalmente, isto é, apelando para uma metalinguagem (6) formalizada, pudéssemos evidenciar o binarismo/ternarismo, suporte e agenciador de toda poesia, através da fórmula.

$$a = b / v / c$$

a, b R c

ou seja, um elemento a é igual a b (formalmente) e se opõe a c, o que também poderíamos exprimir através do modelo (7) a, b relação c.

3 — O NÍVEL LINGÜÍSTICO

3.1 — O PLANO FONÉTICO

O plano fonético será trabalhado através de três subplanos:

3.1.1 — o subplano estrófico, 3.1.2 — o subplano rimático, 3.1.3 — o subplano entonacional.

3.1.1 — O Subplano Estrófico

Compõe-se o espaço literário "Recomendações" de seis tercetos e três monósticos.

Dois tercetos entram em interação com um monóstico em cada uma das três partes da poesia em questão.

Ora, chamando a cada um dos tercetos de a e b e ao monóstico, c, temos a tensão binarismo-ternarismo configurada:

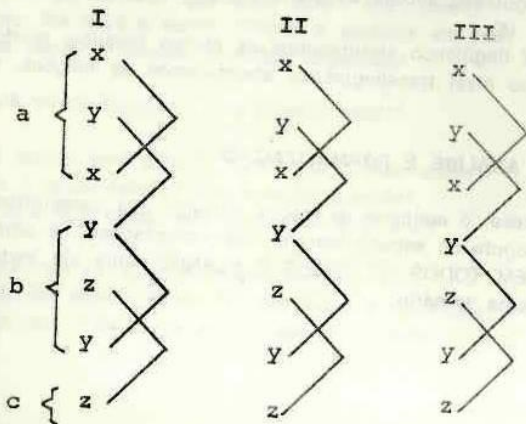
$$a = b / v / c$$

a, b R c

3.1.2 — O Subplano Rimático

Quanto às rimas, o sistema que as agencia é o seguinte:

Chamando as rimas de x, y, e z e as três partes, de I, II e III, temos:



Observamos que a e b apresentam o mesmo esquema rimático em oposição a c, donde:

$$a = b / v / c$$

a, b R c

Por outro lado, observando as rimas não mais em grupo (estroficamente), mas elemento a elemento, vemos que estes se dispõem binariamente — x e z — opondo-se ao ternário y. Onde se x = a, z = b, y = c, teremos o esquema embaixador geral:

$$a = b/v/c$$

a, b R c

3.1.3 — O Subplano Entonacional

Como indicadores entonacionais, o escritor usou de artifícios gráficos. Centramos nossa atenção, inicialmente, nos refrãos e verificamos que os dois primeiros são iguais, terminando as orações por ponto de exclamação. Já o terceiro refrão inicia por um travessão; as orações não mais terminam por exclamação, mas por reticências.

Aqui novamente se põe a tensão binarismo-ternarismo, ou seja, três elementos em oposição binária.

Eis o modelo visualizador da estrutura que caracteriza os refrãos. Chamando ao primeiro a, ao segundo b e ao terceiro c, teremos:

$$a = b / v / c$$

a, b R c

Por outro lado, ao explicitar ao amigo as respostas virtuais, elas são apresentadas com comentários sobre as mensagens a serem transmitidas, sendo marcadas, individualizadas, pelo grafema ponto de exclamação.

(I) Mas, lhe diga a sorrir: "Fique a senhora em paz!

Ele vence brincando o maior empecilho!"

(II) Mas, lhe diga a sorrir: "O seu mano é um rapaz

Que tem prêmios de amor e glória recebido!"

(III) — "Como vai o meu noivo?" (ouça bem, meu rapaz...)

Diga-lhe apenas isto, ela compreende tudo:

"Está outro... ninguém o reconhece mais..."

Ora, como podemos ver em (I) e (II) as advertências "Mas, lhe diga a sorrir" são iguais e estão ao nível da narração, enquanto a advertência em relação à noiva (III): (ouça bem, meu rapaz), por vir entre parênteses, se situa a um nível metanarrativo, isto é, o grafema parênteses tira-nos da narração propriamente dita e nos situa fora (para além) da narração, ao nível da análise da própria recepção do diálogo. Tais efeitos são acentuados pela presença da forma verbal imperativa e pelo vocativo que marcam a ocorrência da função conativa, registrada por Roman Jakobson.

Vejamos como, com relação às respostas virtuais, encontramos a mesma tensão embasadora. Chamando à primeira **a**, à segunda **b** e à terceira **c**, teremos:

$a = b /v/ c$
a, b R c

É necessário referir aqui a supressão na última parte — diálogo virtual com a noiva — do grafema ponto de exclamação. Esta supressão é homológica à ocorrida ao nível lingüístico, subplanos rimático e semântico e ao nível translingüístico no que tange ao subplano da narração, posto que a supressão do predicado de base “parecer” determina repercussões homólogas naquele subplano.

3.2 — O PLANO MORFOSSINTÁTICO

Neste subplano a oposição se dá, em “Recomendações”, entre um EU, um VOCÊ e um ELAS.

Vejamos, inicialmente, os marcadores dos três elementos por nós isolados.

Como marcadores do EU (destinador), temos: as desinências verbais -o, -i, ocorridos em **ando**, **tenho**, **sai** e os possessivos meu/minha; como marcadores do VOCÊ (intermediário): **ocê**, **rapaz** e as formas verbais: **vá**, **diga**, **ouça**; como marcadores do ELAS (destinatários): **mãe**, **lhe**, **senhora** para **a mãe**; para **a irmã** temos: **irmã**, **seu** e para **a noiva**, **voz**, **lhe**, **ela**.

Explicitaremos agora o sistema subjacente que hierarquiza as relações pro-nominais:

Para EU:

- duas desinências verbais: -o, -i
- duas formas pronominais possessivas: meu, minha
- três radicais verbais: and-, tenh-, sa-

Donde o esquema formal:

$a = b /v/ c$
a, b R c

Para VOCÊ:

- duas formas apelativas: **ocê**, **rapaz**
- três formas verbais: **vá**, **digo**, **ouça**

Aqui a relação entre I e II determina uma tensão binário-ternária não quanto aos elementos intragrupos tomados, mas intergrupos analisados: duas formas apelativas e três verbais:

O esquema geral que vimos trabalhando:

$a = b /v/ c$
a, b R c

subsiste em II, visto que **ir** e **ouvir** são do mesmo paradigma e se opõem a **dizer** que não o é.

Para ELAS:

- a mãe**: **mãe** (a') **lhe** (a''), **senhora** (a''')
- a irmã**: **irmã** (b') **lhe** (b'') **seu** (b''')
- a noiva**: **voz** (c') **lhe** (c'') **ela** (c''')

De imediato podemos observar a homologia: temos três substantivos, o pronome **lhe** aparece para os três personagens e ainda três pronomes: **senhora**, **seu**, **ela**.

Ora, esta estrutura trímembre se fundamenta em outra bimembre, ou seja, substantivo /v/ pronomes.

Chamando os substantivos de I e os pronomes de II, teremos:

$I = a', b', c'$
 $II = a'', b'', c'', a''', b''', c''''$

Contudo, enquanto **a'** e **b'** são designações **diretas**, **c'** o é, indireta (metonímica). Donde teremos:

$a' = b' /v/ c'$
a', b' R c'

Ao nível de II, temos **lhe** se opondo a **senhora**, **seu** e **ela**. Chamando **lhes** de **a**, **seu/ela** (pronomes) de **b** e **senhora** de **c**, teremos:

$a = b /v/ c$
a, b R c

3.3 — O PLANO SEMÂNTICO

3.3.1. Introdução

Segundo Julien Greimas, o plano semântico se configura em torno de **sema**, **eixos** e **articulações** (8).

Entende-se por **semas** as unidades mínimas de significação; por **eixo**, o traço comum capaz de conjugar dois ou mais semas, é o “denominador comum”; as **articulações** são **a forma** como os eixos se articulam na categoria sêmica, sendo esta última a série de semas agrupados por eixos.

Como veremos mais adiante, ao trabalharmos o plano da narração, os semas narrativos — predicados de base — são: "supor", "parecer", "ser". Em termos de análise semêmica, temos o seguinte modelo:



A partir deste modelo podemos ver que duas categorias semicas se opõem hipotaticamente (9) pela articulação "entidade". Abordemos a 1.^a categoria semica: a "suposição".

3.3.2.1 — A 1.^a categoria semica: a Suposição.

Em termos morfossêmicos ocorre uma polaridade entre duas subcategorias: "condicionalidade" e "complementariedade". A "condicionalidade" se articula antonimicamente em "conjuncionalidade" e "adverbialidade". A "conjuncionalidade" é marcada pela presença do morfolexema SE; já a "adverbialidade" se apresenta pelo morfolexema ACASO.

A subcategoria que se opõe antonimicamente à "condicionalidade" é a "complementariedade" que também se articula nos morfossemas "adverbialidade" e "conjuncionalidade", sendo que aqui a estrutura significante é mais complexa, pois, enquanto a "adverbialidade" se atualiza somente através do morfolexema COMO, a "conjuncionalidade" se bifurca em "sindeticidade" e "assindeticidade": é justamente a ausência de uma atualização morfolexêmica; por isso, em nosso modelo, usamos o símbolo indicador da ausência de marca.

O exemplo disso ocorre entre "E minha mãe disser" e "Será que ele vai bem". Aqui podemos constatar que o discurso direto jamais é introduzido pelo morfolexema QUE, posto que a sua ausência é justamente a

ruptura do plano verbal e do plano não-verbal no nível narrativo. A ausência do QUE é a responsável pela verossimilhança sintática onde a tensão dialética diálogo-descrição enforma o espaço literário.

Para confirmar este nosso raciocínio, seria bom ressaltarmos que a ruptura entre o verbal e o não-verbal, vale dizer, entre o diálogo e a descrição, não ocorre no discurso indireto, onde se permanece sempre ao nível da descrição, encaixando sem rupturas de verossimilhança sintático-semântica os elementos oracionais.

3.3.2.2 — A 2.^a categoria semica: a Adversatividade

Vejam agora a segunda categoria semica: a "adversatividade". Este eixo subsuma dois semas: "essencialidade" e "similaridade". A "essencialidade" se realiza antonimicamente através dos semas "negação/afirmação". O morfolexema atualizador da negação é NÃO; por outro lado, o sema "afirmação" age como eixo, subsumindo dois outros semas: "lexematicidade" e "entonacionalidade". O morfolexema ENTANTO se opõe ao grafema RETICÊNCIA introduzindo a "afirmação" entonacionalmente.

Opondo-se à "essencialidade" temos a subcategoria da "similaridade". Esta se realiza como o sema "afirmação", atualizando-se através do morfolexema MAS para a "lexematicidade" e com o grafema EXCLAMAÇÃO para a "entonacionalidade".

Como podemos constatar através do modelo semântico, a dialética binarismo/ternarismo aqui também se realiza. Foi justamente este modelo que nos possibilitou a conscientização, em termos de estrutura profunda, de algo que aparentemente se realiza através de três predicados independentes — SUPOR, PARECER, SER —, mas que na verdade se reduz a uma tensão binária, visto que o SER e o PARECER, sememicamente, se conjugam numa só categoria através do eixo da "adversatividade" que então se oporá à categoria da "suposição".

Assim, na estrutura de superfície, teríamos: a R b R c, sendo respectivamente a SER, b PARECER, c SUPOR, estruturação essa que é homóloga à explicitada pelo modelo rimático, onde pudemos ver que três elementos entram em relação entre si. A análise semêmica demonstra o provisorio desta primeira abordagem, posto que não mais temos:

a R b R c, mas

a = b /v/ c

a, b R c

3.3.3. O Modelo Rimático-semântico

Aqui, estamos agora em condições de fazer uma correção de percurso no que tange à abordagem rimática. Combinando os modelos semân-

* Surgiu a dúvida sobre se a forma não seria similariedade.

tico e rimático, vemos que as rimas também se enquadram dentro dos se-
mas "suposição", "essencialidade" e "similaridade".

	Rima a	Rima b	Rima c
A	choupana "suposição": engana	"suposição": filho "essencialidade": maltra- pilho	"similaridade": paz mais
B	"suposição": mano ano	"suposição": querido "essencialidade": sofrido "similaridade": recebido	"similaridade": rapaz mais
C	"suposição": casa "essencialidade": asa	"essencialidade": mudo "suposição": veludo "essencialidade": tudo	"essencialidade": mais "similaridade": rapaz

Seria útil ressaltar que tomamos esses elementos metonimicamente
pelo enunciado em que ele ocorre.

Com a junção desses dois modelos, chegamos à relação cons-
tante que vem caracterizando todos os planos até agora analisados, qual
seja:

$$A = B /v/ C$$

A, B R C

No que tange aos elementos de cada grupo — rima a, b e c — clara-
mente se vê a tensão binariedade (a R c) ternariedade (b).

$$a = c /v/ b$$

a, c R b

4 — O NÍVEL TRANSLINGÜÍSTICO

4.1 — INTRODUÇÃO

O nível translingüístico, como já dissemos, se compõe das grandes
unidades globais transfrásicas.

A partir do modelo greimasiano formalizamos o que Lacan chama de
"a cadeia de significantes" (10).

Nesta última fase vamos abordar o nível translingüístico através dos
planos da **Funcionalidade, da Actancialidade e da Narração**.

4.2 — A FUNCIONALIDADE

Entendemos por função a unidade de base, o átomo narrativo, isto é,
a menor unidade de significação do nível translingüístico.

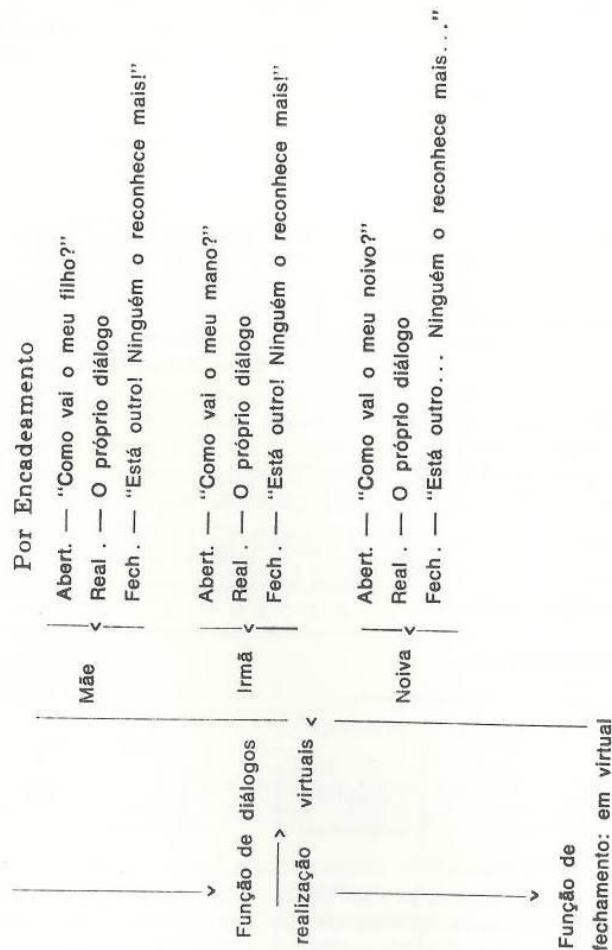
As funções, por sua vez, agrupadas em seqüências engendram a
narrativa.

Toda a seqüência se manifesta em três funções: a que abre o proces-
so, a que o realiza e a que o fecha. Em qualquer dos três momentos de
uma seqüência uma outra seqüência poderá encaixar-se. Resta lembrar
ainda que qualquer destes momentos de seqüência poderá permanecer em
virtual (11).

Assim temos na narrativa "Recomendações" o seguinte modelo das
funções:

Função de abertura: possibilidade de ir a casa.

SEQ. COMPLEMENTARES



SEQÜÊNCIA BASE

Comparando este modelo com os demais já apresentados, vemos que o agenciamento do espaço literário permanece estruturalmente o mesmo. Fazendo MÃE = a, IRMÃ = b e NOIVA = c, temos:

a R b R c

Conjugando o modelo entonacional com o das funções temos, através da função de fechamento das seqüências complementares, uma disjunção entre:

1.º a = b /v/ c

2.º a, b R c

Donde a tensão dialética binarismo/ternarismo se presentifica.

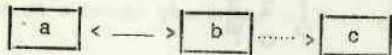
4.3 — A ACTANCIALIDADE

Analisar as ações é analisar a interação dos personagens (12).

Em cada parte do espaço textual de "Recomendações" o destinatador, dirigindo-se ao intermediário, propõe uma mensagem específica para os destinatários. Nota-se assim que há uma estrutura complexa.

Chamando o destinatador de a, o intermediário de b e os destinatários de c, temos que as relações a/b e b/c são diretas, enquanto a relação a/c é indireta. Não obstante a relação a/b se realiza, enquanto a relação b/c permanece em virtual.

Visualizemos tal, através de um modelo:



Onde temos o intermediário não passando de destinatador e se opondo aos destinatários, isto é, o intermediário é aliado.

Dai a relação:

a = b /v/ c

a = b R c

4.4 — A NARRAÇÃO

A narração é o nível translingüístico em que as unidades do nível actancial encontram sua significação, conforme, pertinentemente, postula Roland Barthes (13).

Tendo como fundamento o esquema gramatical sujeito/predicado, podemos afirmar que os sujeitos destinatador, intermediário e destinatários encontram-se inter-relacionados através dos três predicados de base já propostos anteriormente: SUPOR — SER — PARECER.

O destinatador ao se dirigir através do Intermediário aos diversos destinatários o faz de maneiras diversas:

1.º — Com a mãe e a irmã há dois momentos que oscilam em pêndulo. Do destinatador para os destinatários o enunciado se põe como o PARECER e dos destinatários para o destinatador se põe como o SUPOR. Podemos exemplificar tal postulação com os seguintes exemplos.

a) **PARECER**: "Mas lhe diga a sorrir: 'Fique a senhora em paz! Ele vence brincando o maior empecilho!'"

b) **SUPOR**: "Será que ele vai bem ou será que me engana?"

2.º — Com a noiva, essa antinomia desaparece e temos uma neutralização desta dicotomia, visto que a ela toda a verdade deve ser conotativamente indicada.

Ex.: "Está outro... ninguém o reconhece mais..."

Esta relação (c) se põe em termos de SER.

Donde, formalmente, temos:

a = b /v/ c

a, b R c

Isto se pode comprovar através da semiótica formada pela conjunção das três formas verbais **disser**, **falar** (tocar), **diga**.

A primeira — **disser** — está ao nível do SUPOR, **falar** (tocar) é empregado para expressar, SER e **diga** se realiza de duas formas:

1.º) **diga**, para a mãe e a irmã, é **PARECER**;

2.º) **diga**, para a noiva é, **SER**.

Será útil lembrar aqui que essa tricotomia é homóloga ao que já analisamos através dos semas "suposição", "essencialidade" e "similaridade".

Enfim, aproximando 1 e 2, vemos que ao nível da narração, que é o coroamento da análise estrutural, encontramos a mesma relação: em 1 temos a e b, vale dizer, PARECER e SUPOR; em 2 temos o SER (c).

Estas relações se conjugam e disjuntam no eixo narrativo da "realização" e no sema narrativo da "possibilidade".

Com isto, temos o seguinte modelo:



O modelo apresentado é a conjunção do modelo lingüístico e translingüísticos, através de seus planos semântico e da narração.

Ora, fazendo "melhoramento" igual a a, "degradação" igual a b e "possibilidade" igual a c, temos:

$a = b / v / c$, isto é, a, b R c, o que é uma oposição hipotática.

5 — CONCLUSÃO

Segundo Roland Barthes, praticar análise estrutural é distinguir diversas instâncias de descrição, pondo estas instâncias numa perspectiva integratória (14).

Já Todorov, seguindo as pegadas de Jakobson, postula que a especificidade do fato literário é a literariedade e que estudá-la é propor uma teoria da estrutura e do funcionamento do discurso literário (15).

Em nossa análise, procuramos analisar horizontalmente os diversos planos, buscando, a seguir, colocá-los dentro de uma perspectiva vertical, integratória.

Se abordar o estilo de autor é explicitar a semiótica que define o conjunto de unidades mínimas invariantes que interdependentemente geram um código poético, característico de um escritor (16), alcançando assim a sua literariedade, em "Recomendações", procuramos justamente determinar aquelas invariantes, verificando as articulações singulares que determinam o individualidade do estilo de Judas Isgorogota.

A conclusão que se chega, num corpus tão restrito, é que os níveis e planos hierarquicamente enfocados engendram uma tensão dialética binário-ternária que é a agenciadora de todo espaço literário.

Notas:

- (1) São Paulo, Saraiva, 1957.
- (2) Cf. "A Actividade Estruturalista". In: —. **O Estruturalismo**, antologia de textos teóricos, reunidos por Eduardo Prado Coelho. Lisboa, Portugal, Editora, 1968, pp. 19-27.
- (3) Para uma discussão de problemática da ciência da literatura, cf. Roland Barthes, **Crítica e Verdade**, S. Paulo, Perspectiva, 1957, pp. 216-221.
- (4) Entendemos por predicados de base os semas narrativos, isto é, as unidades mínimas e discriminatórias que ao nível da narração conjugam os sujeitos (personagens).
- (5) Para aprofundamento desses dois níveis, consulte-se:
 - (a) Roland Barthes. **Elementos de Semiologia**. S. Paulo, Cultrix, 1971, pp. 12-13.
 - (b) Wilson Guarany. "Que é a Comunicação" In: —. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n.º 12, junho de 1973.
- (6) Cf. Wilson Guarany. "Metalinguagem" In: —. **Boletim de Linguagem**, São Leopoldo, n.º 36, março de 1973.
- (7) Modelos são expressões "visualizadoras".
- (8) Eis um exemplo: os lexemas palacete e choupana possuem o sema conjuntivo "morada" e os semas disjuntivos são "riqueza" para palacete e "pobreza" para choupana. Como se vê, os semas "pobreza" e "riqueza" conjugam-se no eixo de "morada" e formam uma categoria.
- (9) Relação hipotática é aquela que se dá entre duas categorias.
- (10) Cf. Jacques Lacan, **Écrits**. Paris, Seuil, 2 v., 1966.
- (11) Cf. Claude Bremond, "A Lógica dos Possíveis Narrativos". In: —. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis, Vozes, 1971.
- (12) Cf. Wilson C. Guarany, Personagem de Ficção, Mito e Combinatória, **Correio do Povo**, 24/06/72, pp. 12, 13.
- (13) Roland Barthes, **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis, Vozes, 1971, p. 44.
- (14) Idem, p. 29.
- (15) Tzvetan Todorov, **Estruturalismo e Poética**. S. Paulo, Cultrix, 1971, pp. 15, 16.
- (16) Cf. Wilson C. Guarany, Personagem de Ficção, Mito e Combinatória. **Correio do Povo**, 24/06/72, pp. 12, 13.